

# UM APARTAMENTO EM URANO

## Crônicas da travessia



An Apartment on Uranus: Chronicles of the Crossing

Mayane Batista Lima

Universidade Federal do Amazonas

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social | Manaus, Brasil

Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam)

mayanejornalista@gmail.com | ORCID iD: 0000-0002-5901-1412

João Victor Rossi

Universidade Federal da Grande Dourados

Programa de Pós-Graduação em Antropologia | Dourados, Brasil

Bolsista da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e

Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT)

rossivjoao@hotmail.com | ORCID iD: 0000-0002-9908-7518

---

**PRECIADO, Paul B. Um Apartamento em Urano. 2020.**  
**Rio de Janeiro: Editora ZAHAR.**

---

### Resumo

A presente resenha trata da obra "Um apartamento em Urano: Crônicas da Travessia", por Paul B. Preciado, publicada em 2020 pela editora Zahar. O livro reúne setenta e quatro crônicas produzidas para o jornal francês Libération em ordem de publicação (de 2013 a 2018). Como suas obras anteriores: Manifesto Contrassexual (2017), Testo Junkie (2018) e Can the Monster Speak?: Report to an Academy of Psychoanalysts (2021), Um apartamento em Urano "sacode as evidências", analisa e questiona o que é considerado familiar e parte em busca de um "gênero utópico", como coloca Virgine Despentes na introdução, somos convidadas a adentrar em uma nave espacial da qual não saímos ilesos. Com isso, a partir da leitura das crônicas, buscamos demonstrar as principais ideias defendidas pelo autor no decorrer desta obra.

### Palavras-chave

Paul B. Preciado; queer; crônicas da travessia; Urano.

### Abstract

The present review deals with the work "An apartment on Uranus: Chronicles of the Crossing", by Paul B. Preciado, published in 2020 by the publisher Zahar. The book brings together seventy-four chronicles produced for the French newspaper Libération in order of publication (from 2013 to 2018). Like your works Previous: Contrassexual Manifesto (2017), Testo Junkie (2018) and Can the Monster Speak?: Report to an Academy of Psychoanalysts (2021), A apartment on Uranus "shakes the evidence", analyzes and questions what is considered familiar and part in search of a "utopian genre", as puts Virgine Despentes in the introduction, we are invited to enter a spaceship of the which we didn't come out unscathed. Therefore, from reading of the chronicles, we seek to demonstrate the main ideas defended by the author during this constructions.

### Keywords

Paul B. Preciado; queer; chronicles of the crossing; Uranus.



Com o título "Um apartamento em Urano: Crônicas da Travessia", inspirado na frase de Karl Heinrich Ulrichs, pensador alemão que utilizou a ideia dos míticos "Uranistas" para defender a legalização da homossexualidade em 1864, Paul B. Preciado (2020) reúne setenta e quatro crônicas produzidas para o jornal francês *Libération* em ordem de publicação (de 2013 a 2018) que, dentre várias possibilidades, nos instigam a desafiar os padrões socialmente impostos e legitimados de gênero e as performatividades cotidianas. Como suas obras anteriores: *Manifesto Contrassexual* (2017), *Testo Junkie* (2018) e *Can the Monster Speak?" Report to an Academy of Psychoanalysts* (2021)", Um apartamento em Urano "desestabiliza as evidências" (p.15) questionando o que é considerado familiar/natural, nos fazendo desejar o impossível. É um convite para um universo de travessia(s), uma viagem de "transformação radical" (p. 31) "para o lugar incerteza, da não evidência, do estranho" (p. 32).

A introdução apresenta o nosso destino: Urano. Preciado solicita o empréstimo da(s) voz(es) de um jaguar ou de um ciborgue, para a invenção da "língua da travessia"(p. 25) que a "lei não entende" (idem) confrontando assim o binarismo linguístico<sup>1</sup> por palavras criadas em séculos anteriores, como homossexuais, heterossexuais, intersexuais ou transexuais, são carregadas por semânticas, significados que pesam para quem as ouve: "Se vocês sentem algum tremor na garganta ao ouvir algumas dessas palavras não tentem disfarçar" (p. 27). Além de causar ranhuras nas linguagens, o autor aborda o espaço, a aliança multiespécie e "fazer amor com drones de combate",

---

<sup>1</sup> Lemos aqui 'binarismo linguístico' como o exercício de "poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que regula e impõe" (BUTLER, 2019, p. 17) a construção do corpo, sexo e verdade. A heteronormatividade nunca está completa, então, é na repetição - material e/ou simbólica - que se faz a sua legitimidade. (idem, 2019)

como tática para utilizar uma nova lente com a qual possamos enxergar além da tecnopatriarcalidade.

Nos artigos seguintes, o filósofo reflete sobre os processos de reprodução da "vida influenciados pelas entranhas do capitalismo" onde a partir da insurreição subalterna é possível pensar o desmantelamento do Estado e reagir à crise do capital expansivo. É necessário um 'contra-ataque' aos poderes que legitimam a violência em relações políticas e econômicas a fim de visualizar uma transformação social.

Quando os defensores da "família" (qual família?) e dos "direitos das crianças" (de quais crianças?) reuniram mais de 600 mil pessoas para preservar a "hegemonia político-sexual" na França, Preciado lançou o questionamento, "quem defende a criança *queer*?" (p. 69). Neste capítulo, o autor trata com afinco questões de sua infância e ressalta que as vozes que dizem defender as crianças simplesmente consideram-nas "corpos que não tem o direito de governar" (p. 70), pois o que está em jogo, reitera, "é o futuro da nação heterossexual. A criança é um artefato biopolítico que permite normalizar o adulto" (p. 71) e relata que foi uma das crianças que teve um pai e uma mãe "que operaram virtuosamente como fiadores domésticos da ordem heterossexual" (p.70).

Quem garante a "normalidade" dos corpos, ronda os berços, observa, modela, poda comportamentos que não são os apropriados para o biológico aparenta, nesse caso "instituições sociais" como o Estado, a escola, a família, regulam as normas e penalizam quem não as cumprir. Essas instituições que deveriam garantir a liberdade das pessoas, mas através desses sistemas o que se observa é o castigo a qualquer forma de dissidência com ameaça, intimidação e até a morte:

Não nos enganemos. Os manifestantes nacional-católicos franceses não estão defendendo os direitos da criança. Estão protegendo o poder de educar seus filhos segundo a norma sexual e de gênero, como supostos heterossexuais, concedendo-se o direito de discriminar todas as formas de dissidência ou desvio. (p.73)

É neste momento que nós que escrevemos essa resenha encontramos um ponto de convergência sensível e relacional com os escritos de Paul B. Preciado e nossas vivências. É nas lembranças ossificadas do autor que nos debruçamos e compartilhamos das mesmas histórias e sensações. As fronteiras geopolíticas afirmam a estrutura quando em diferentes pontos do globo estamos/fomos vítimas da ‘violência berçária’ que inicia nossa entrada no universo uranista (PRECIADO, 2020). É no atravessamento de nossos corpos *queer* e na não reprodução performativa enquadrada em normas e leis – simbólicas e materiais – que sentimos o arrepio da “morte em nome da proteção da vida” (p. 71). Aqui, clamamos com o autor a necessidade de proteção de nossos semelhantes, propomos reiteradamente um contra-ataque a tudo que nos diz ‘não’ pois “nossa insurreição é a paz, o afeto total” (p. 47). A justificativa da violência de gênero e sexualidade estrutural é discutida também em "Reprodução politicamente assistida e heterossexualismo de Estado", em que o autor chama de “técnica de governo nacional” (p. 74) os dispositivos ancorados não somente mas sobretudo, na biologia, que em conjunto com o capitalismo propaga de forma bionecropolítica (PRECIADO, 2020) tanto a gestão de nossos corpos (matéria, fluídos, hormônios) quanto a gestão dos “agenciamentos sociais e políticos coletivos” (p. 76), que são os verdadeiros meios de reprodução social.

Em ensaios seguintes, Preciado chama à cena a força gorila<sup>2</sup> para uma “revolta feita de alianças” (p. 88) contra o “regime colonial” (p. 87) que faz da morte “o único modo de fazer política” (91)<sup>3</sup>, utilizando do racismo, nacionalismo, cristianismo e conservadorismo moral<sup>4</sup> como vetores da “prática governamental” (p. 94) que toma de empréstimo a força de trabalho, o prazer e os órgãos de mulheres em benefício da reprodução tecnocapitalista e patriarcal.

---

<sup>2</sup> As gorilas da república” (p. 87).

<sup>3</sup> Necropolítica à francesa” (p. 91).

<sup>4</sup> Direito ao trabalho... Sexual” (p. 95)

É na intersecção do questionamento à natureza padrão como nos é apresentada que Preciado (2020) e *The Xenofeminist Manifesto* (2018) se encontram: “Qualquer um que tenha sido considerado 'não natural' em face das normas biológicas reinantes [...] perceberá que a glorificação da 'natureza' não tem nada a nos oferecer. O naturalismo essencialista cheira a teologia – quanto mais cedo for exorcizado, melhor”. (CUBONIKS, 2018, p.14). É nessa encruzilhada e na ficção da hegemonia biológica branca masculina heteronormativa, que estão centrados os quadros linguístico-políticos acumulados da odisseia humana, Preciado (2020) não tem respostas de como podemos resolver, mudar, virar a mesa e até mesmo deixar a mesa posta e partir, mas instiga a união de corpos múltiplos para desarticular, atritar, contribuir com outros amanhã, seja nesse ou em outro planeta.

No ensaio *Greve de úteros* (p.98), o corpo é retratado pelo autor como algo que não pertence a quem o tem, principalmente o corpo com útero. Historicamente os corpos das mulheres são vistos como algo que produzirá uma entrega, em determinado momento vai dar à sociedade um ser, um consumidor (para as empresas), um eleitor (para o Estado). O corpo com útero é visto como servidor: “Não há dúvida de que, de todos os órgãos do corpo, o útero tem sido historicamente aquele que foi objeto de maior expropriação política e econômica” (p.99). Aqui vale lembrar que na Segunda Guerra Mundial, por exemplo, mulheres eram mantidas como prisioneiras da SSe para “fabricação de pessoas loiras e altas”<sup>5</sup>, conforme o Estado regulava o útero para a ascensão da hegemonia ariana. Já no Oriente, ideias como a política do filho único (1980), por exemplo, foram idealizadas por homens como Song Jian, especialista em mísseis balísticos, que se utilizou do argumento: “do ponto de vista da cibernética

---

<sup>5</sup> O propósito do Holocausto era o extermínio de raças ditas “menos desenvolvidas”, o projeto Lebensborn por outro lado era enriquecer a raça ariana, não importando os meios disponíveis. (OELHAFEN, 2017, p.200).

toda a população do mundo é um sistema<sup>6</sup>”, foi a partir dessa ideia que surgiu a união de grupos políticos em sua maioria homens que determinaram quantos bebês as mulheres na China poderiam ter. É nesse estágio que o poder não é somente repressivo, mas produtivo é o que o filósofo Foucault denominava como Biopolítica. O Estado regulando úteros dando permissão para poder ter “X” bebês ou controlar o organismo para não inchar a nação.

Façamos essa greve como o mais matriótico dos gestos: para acabar com a ficção nacional e começar a imaginar uma comunidade de vida pós-Estado nacional, que não tenha a violência e a expropriação do útero como condição de existência. (p.101)

Um apartamento em Urano é dentre outras, um manifesto, um grito, é silêncio, é choro, é riso, é convite, é viagem, é uma nova dimensão ainda não assimilada pelos padrões hegemônicos socialmente impostos pelos terráqueos, é também uma recusa aos termos suaves, um torcer de boca ao binarismo. Paul B. Preciado se utiliza de memórias, de tons, cores, planetas, cosmos e metáforas como em: “A bala” (p. 106).

Essa que não pede licença, de súbito ela se instala, atinge. A bala são as sexualidades múltiplas, homo-transsexualismo que para ele é um franco-atirador: “cego como o amor, generoso como o riso, tolerante e carinhoso como um cão”. Essa bala que se instala em quem quer que seja, atinge professores, idosos, jovens, crianças, mães, pais – e bum! “Para quem tem a coragem de olhar a ferida de frente, a bala se transforma numa chave mestra que abre uma porta para mundos nunca antes vistos”. Ela atravessa os úteros da mesma forma que as famílias neoconservadoras utilizam como reiteração heteronormativa, da infância até o momento de rompimento se este existir, disparada contra corpos abjetos (BUTLER, 2019) e que fazem o “peito queimar” (p. 107) com medo do abandono (mas não só). Caem

---

<sup>6</sup> Jian Song, Deyong Kong, Jingyuan Yu. Population system control, *Mathematical and Computer Modelling*, Volume 11, 1988, Pages 11-16, ISSN 0895-7177, <https://bit.ly/3rX5COt>. (<https://bit.ly/3rbYUVy>).

todos os véus, a matriz se desfaz” (p.107) e acontece uma trãnsfuga de gênero, a dissidência.

Voltemos à sensibilidade de Preciado para a repetição incansável de que não estamos sós, e ao convite de subversão de nossa história<sup>7</sup>, influenciado por Walter Benjamin, o autor nos convida a reescrever a história do nosso ponto de vista – os vencidos. Então, vamos ressignificar as balas e utilizá-las ao nosso favor. Seremos balas subversivas que acertarão o peito do conservadorismo fundamentalista, do estado capitalista, da heteronorma e do patriarcado.

Dessa forma, o intuito desta resenha não fora detalhar todos os “capítulos” do presente livro, mas sim instigar a leitura de uma obra em que a força revolucionária se faz presente do início ao fim. O que Paul Preciado faz em *Um apartamento em Urano* é nos relembrar, com a sensibilidade dos afetos e a força dos animais selvagens, a vulnerabilidade dos dispositivos estatais em comparação à força abjeta de corpos subjugados. Não podemos perder de vista o contra-ataque e a sede de mudanças. Estamos nessa travessia, a linguagem estática e morna, não pertence a esse livro. Preciado grita, conversa, espia, corrói com as palavras as estruturas mais duras da sociedade, nos ensina a enxergar (se assim quisermos) com outros olhos, falar com outras palavras, dizer o indizível, ouvir quem quer, mas para quem conhece, sente, já passou, viveu o que ele conta, remonta, traduz, é convidado a gritar junto com ele, com outras vozes, com outras nacionalidades, mas também escrever. Como foi o caso dessa resenha, carta ou manifesto compartilhado.

Não sabemos até quando essa ficção hegemônica perdurará, mas Paul B. Preciado desafia e nos invoca a desafiar, a pensar, a agir, seja em passeatas, seja analisando, seja em apartamentos no Amazonas ou no Mato Grosso do Sul, essa revolução não tem geografia, ela é travessia. E como Preciado, não escrevemos como mulher, homem, lésbica, sapatão, gay, bicha, *queer*,

---

<sup>7</sup> “A amnésia do feminismo” (p. 118)

transexual... Nos desidentificamos dessas posições, dessas denominações que disseram que somos, nossas definições, assim como o autor sugere, é rejeitar, “é desidentificar-nos da coação política que nos força a desejar a norma e a repeti-la” (p.316). É romper com uma linguagem que nos aprisiona em termos que não escolhemos e é isso que indica que já estamos em travessia.

### **Referências Bibliográficas**

CUBONIKS, Laboria. 2018. *The Xenofeminist Manifesto: A Politics for Alienation* / Laboria Cuboniks. Brooklyn: Verso.

OELHAFEN, Ingrid von. 2017. *As crianças esquecidas de Hitler: a verdadeira história do programa Lebensborn*. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Contexto.

BUTLER, Judith. 2019. *Corpos que importam*. Tradução de Veronica Daminelli, Daniel Yago Françoli. São Paulo: N-1 edições, Crocodilo edições.

Enviado: 15/03/2022

Aceito: 30/03/2022